

HOSPITALIDADE/MUSEU ABERTO  
RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

# Ficha técnica

## Residência Artística Volante: Hospitalidade/Museu Aberto/Maskarada

### **Curadoria:**

Suyan de Mattos

Expografia:

Gisel Carricone  
Azevedo

### **Artistas:**

Alexandre Paes

Arthur Scovino

Biophillick

Clarisse Tarran

Eduardo Mariz

Cintia Falkenbach

Gisel Carricone

Isabela Couta

Laura Dorneles

Phil Jones

Suyan de Mattos

### **Fotografias:**

Clarisse Tarran

Eduardo Mariz

Arthur Scovino

Biophillick

Gisel Carricone Azevedo

Isabela Couto

Laura Dorneles do Amaral

### **Coordenação:**

Malu da Cunha

### **Produção:**

Juliana de Paula

### **Montagem:**

Daniel Pereira

### **Designer Catálogo:**

Vinícius Luz

### **Revisão de texto:**

Triz de Oliveira Paiva

Anna Cristina

### **Programação Visual**

### **Material de Divulgação:**

Shamaine Caixeta

Lucas Yanamoto

### **Local:**

Museu de Arte de Britânia/MABRI

### **Data de Abertura:**

28/09/2023

### **Residência Artística:**

De 18/09 a 29/09/2023

### **Agradecimentos:**

À Prefeitura Municipal de  
Britânia pelo apoio ao projeto.

### **Apoio:**

Museu das Bandeiras,  
Cidade de Goiás/GO

Fundação Athos Bulcão/  
Fundathos, Brasília/DF

## Hospitalidade/Museu Aberto Residência Artística Volante/MasKarada

[...] a hospitalidade em si, abre-se ou está aberta previamente para alguém que não é esperado nem convidado, para quem quer que chegue como um visitante absolutamente estranho, como um recém-chegado, não identificável e imprevisível, em suma, totalmente outro.

Derrida; Dufourmantelle. Da hospitalidade. São Paulo: Escuta, 2003, p. 15.

É com alegria que apresento o catálogo da 4<sup>ª</sup> edição da residência artística Volante/MasKarada – Hospitalidade/Museu Aberto, projeto organizado por mim e que reuniu doze artistas em Britânia/GO, entre os dias 17 e 28 de setembro de 2023. A residência teve como temática a hospitalidade e a hostilidade. Os projetos artísticos foram desenvolvidos a partir da leitura do livro *Da hospitalidade: Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. | 3

O aspecto mais importante da obra é a reflexão filosófica sobre o conceito de hospitalidade e suas implicações éticas, políticas e linguísticas. O livro aborda as questões da alteridade, da fronteira, da lei, da violência e do desejo que envolvem a relação entre o hospedeiro e o hóspede, entre o cidadão e o estrangeiro, entre o eu e o outro. O livro também explora os paradoxos e as ambiguidades da palavra hospitalidade, que pode significar tanto acolhimento quanto hostilidade, tanto generosidade quanto exclusão. Trata-se de um diálogo entre a filósofa e psicanalista Anne Dufourmantelle e o filósofo Jacques Derrida, baseado em textos de Platão, Kant, Freud, Lévinas, entre outros, para analisar a hospitalidade como tema fundamental da ética e da política contemporâneas.

Hospitalidade não é novidade em meus projetos. A temática também tem sido trabalhada pelos artistas convidados por mim para participarem da residência Lugar de Suyan – projeto anual que realizo desde 2018, quando abri a primeira edição da residência artística Hospitalidade, no povoado de Olhos d'Água.

Já a residência artística Volante é um projeto realizado desde 2019 e se caracteriza por um grupo de artistas que viaja por cidades da América Latina. E o Coletivo Maskarada surgiu em 2020, como

resultado da pandemia de Covid-19. A residência artística Volante foi pensada para ser feita pelos artistas do Coletivo MasKarada, por isso o nome Volante/MasKarada. Além de oito membros do coletivo, tivemos quatro convidados.

Participaram desta edição artistas de Goiânia, Alto Paraíso, Pirenópolis, Olhos d'Água, Brasília, Santos e Rio de Janeiro. São eles: Adriano de Moraes (Bicha Branca da Mata), Alexandre Paes, Arthur Scovino, Biophillick, Cintia Falkenbach, Clarisse Tarran, Eduardo Mariz, Gisel Carricone Azevedo, Isabela Couto, Laura Dorneles do Amaral, Phil Jones e eu, Suyan de Mattos.

Durante os dias de residência, entre outras atividades, os artistas convidados desenvolveram seus projetos, visitaram instituições de ensino urbanas e rurais de Britânia, deleitaram o olhar com o Rio Araguaia na cidade vizinha – Aruanã, desfrutaram da arte dos povos originários Carajás e receberam estudantes do Ensino Médio para conhecer os processos artísticos in loco.

4 | A residência artística Volante/MasKarada em Britânia buscou estabelecer uma dinâmica relacional com os habitantes da cidade, rompendo as possíveis barreiras entre os diferentes. A produção resultante foi exposta no Museu de Arte de Britânia, numa mostra coletiva que propôs um diálogo entre os artistas e a cidade. A dinâmica da Hospitalidade/Museu Aberto incentivou o contato entre pessoas comuns e anônimas, artistas e britanienses.

A casa foi o lugar do intercâmbio de ideias, conversas, reuniões, do pensar e do inventar, assim como o espaço de produzir e realizar, do fazer inventivo, artístico e sensível. O efeito do encontro entre o natural/doméstico e o estrangeiro/ desconhecido (processo vivenciado nesses dias) é o que pode ser apreciado neste catálogo.

Provoquei que cada artista escrevesse sobre seu próprio processo em Britânia. Decidi transcreever suas histórias no catálogo para que o leitor possa desfrutar o mais próximo possível dessa experiência do outro, daquele estrangeiro tão próximo, já que ninguém está tão longe assim de Britânia.

Enfatizo que cada artista escreveu sobre sua produção na residência artística que culminou com a obra apresentada no Museu de Arte de Britânia. Vocês poderão desfrutar, simultaneamente, da leitura e das ilustrações fotográficas, da produção da obra e da exposição.

Suyan de Mattos

Artista e curadora da Residência Artística Volante/MasKarada Britânia,  
28 de setembro de 2023

# Alexandre Paes



Foto: Eduardo Mariz





Fotos: Clarisse Tarran / Eduardo Mariz



Foto: Clarisse Tairran

| 7

*A grande jornada*  
Papier de caderno escolar  
80 x 90 x 270 cm  
2023

Alexandre Paes (1978, Niterói) é artista plástico e professor. Graduado em Artes Plásticas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, 2012), complementou sua formação em cursos livres de pintura na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage). O universo pictórico e as questões do desenho permeiam toda a sua trajetória.

Desenvolve pesquisa estético-pedagógica sobre o universo escolar em comunidades em situação de violência deflagrada no bairro de Bangu, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, onde se encontra um dos maiores complexos penitenciários da América Latina e onde se radicou há quinze anos por conta de sua prática pedagógica, o que pode ser observado em sua produção mais recente – convertida numa imersão nas relações entre escolas e comunidades onde o artista está inserido, buscando, de maneira poética, entender e refletir sobre trocas e influências mútuas que se apresentam de forma violenta na sala de aula, na escola e no seu entorno.

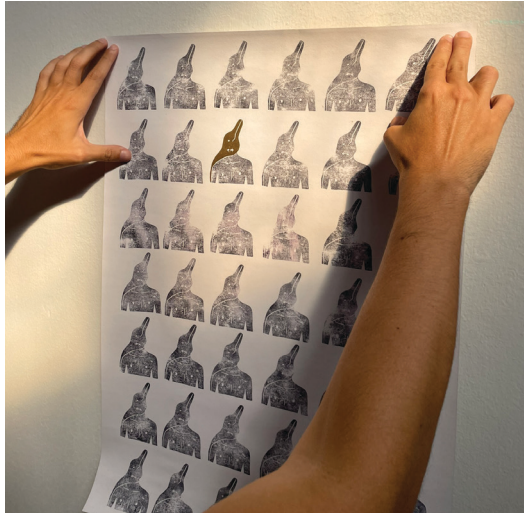
Em Britânia, Alexandre recebeu vários cadernos escolares para montar sua obra, que trata das mesmas questões, indo além do imagético do povoado Lago dos Tigres. O artista construiu, com as páginas dos cadernos, um barco de papel monumental para que pudesse praticar a poesia nesse lugar.

# Arthur Scovino



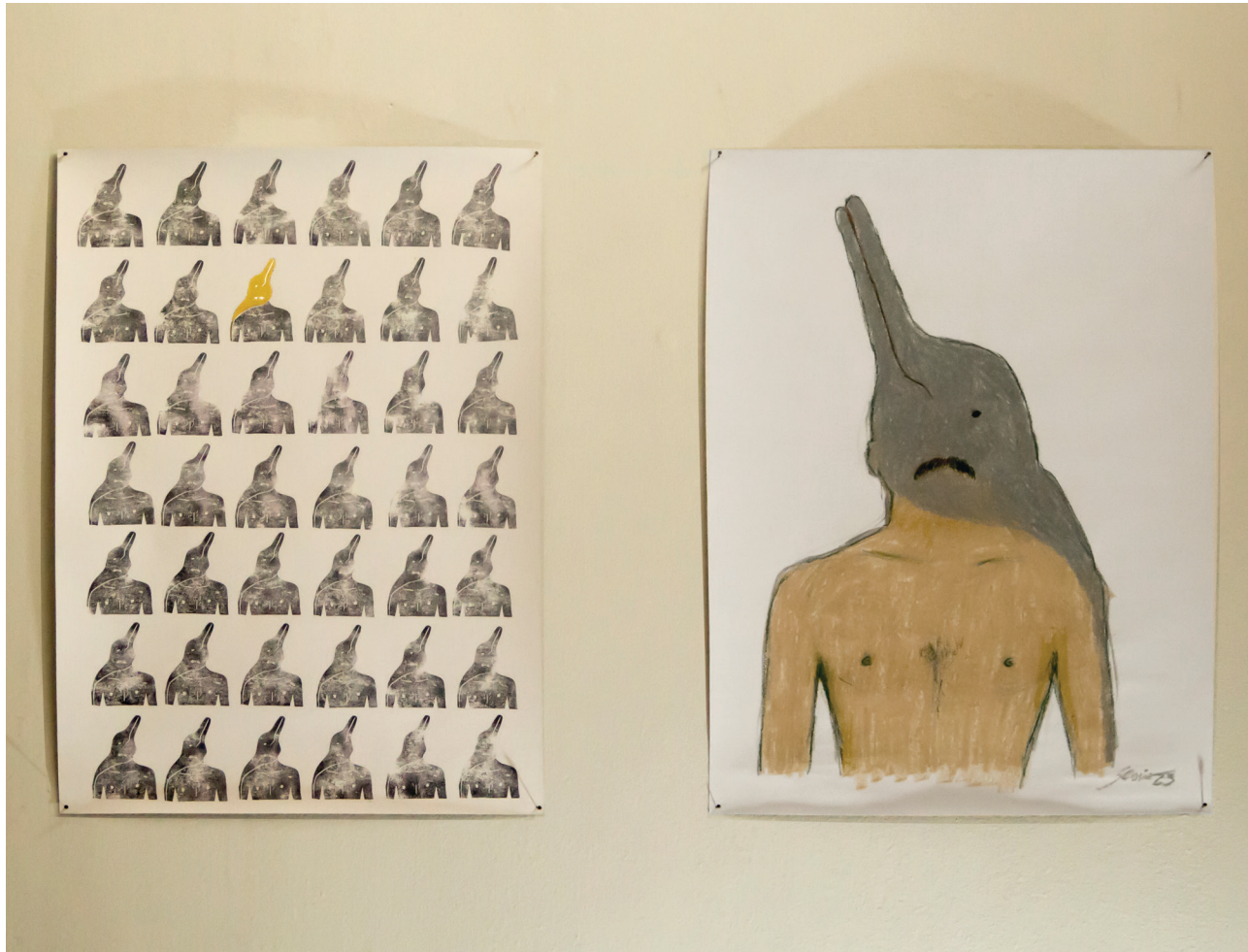
Fotos: Arthur Scovino





Fotos: Arthur Scovino





Fotos: Eduardo Mariz

| 11

*Aperreável - o boto*  
Instalação  
75 x 57 cm  
2023

Meu nome é Arthur Scovino, nasci em 1980, no Rio, mas já morei em vários lugares, como Bahia e São Paulo. Sou artista plástico e meus trabalhos são inspirados na relação com as pessoas, com a natureza e com as cidades. Minha proposta inicial era conhecer Britânia para realizar um trabalho novo, inspirado nas histórias que surgissem. O projeto Aperreável, que faço instalando carvão e penas rosas, é onde, normalmente, tudo começa.

Conheço muitas cidades pequenas no Brasil e sei que as pessoas gostam de contar causos. Em Britânia, não foi diferente: no comércio, em bares e escolas, na beira do lago, sempre uma prosa vem, naturalmente, com muitas histórias. Mas, antes de mais nada, também sou um contador de causos. Desse jeito, venho mostrando meu trabalho, que traduz essas experiências da vida na arte.

12 | Foi num primeiro passeio pelo Lago dos Tigres com os outros artistas da residência que eu vi o boto, mas eles não viram. Virei o contador de causos no meu próprio grupo. Só o pescador acreditou em mim. Tentei por alguns dias fazer umas fotos com o boto para mostrar a eles. Até que, em outro passeio coletivo, fiz uma dança no lago para chamar o boto e ele veio. Dessa vez, todos o viram atrás de mim no caiaque. Fizemos umas fotos desse momento (nem todas são exatamente como aconteceu, mas artista contador de causos tem licença para dar uma incrementada nas criações).

Por fim, meu trabalho realizado na Residência Volante, em Britânia, foi uma gravura em linóleo com carimbo, que fiz com a ajuda da artista Cintia Falkenbach. O desenho onde apareço com o boto é a continuação de uma série de autorretratos com animais mágicos que aparecem pra mim em lugares importantes em que estive e que espero poder voltar logo.

# Bicha Branca da Mata



Fotos: Clarisse Tarran / Arthur Scovino





Fotos: Eduardo Mariz





Fotos: Eduardo Mariz

|15

*Sem título*  
Desenho atrás do espelho  
Medidas variáveis  
2023

Metabolizando junto a comunidades, de seres vivos e não vivos, mais do que de humanos, me propus a realizar esses desenhos atrás do espelho. Desenhar é correr risco, por isso tenho estado mais interessado em formas de conhecimento que transcendam as dicotomias em torno da natureza/cultura. Colaboração: Vicente Cunha (pescador), Lourivaldo Batista – loirinho (marceneiro) – e Selmari (caldo de piranha).

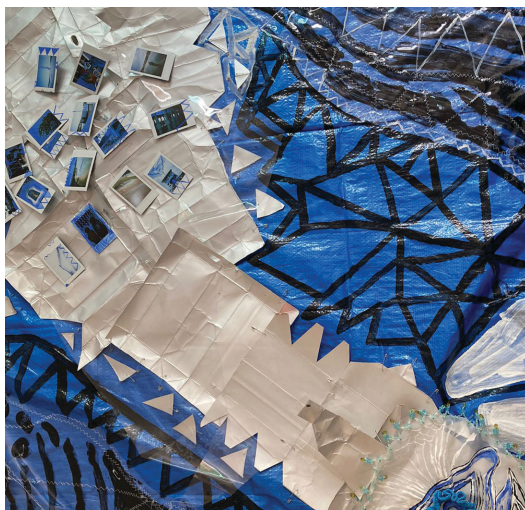
16 | Bicha branca da mata (Adriano de Moraes) é artista bicha, curador, professor e pesquisador. Realiza atividades transdisciplinares nas quais se coloca comprometido com o desejo de catalisar pelo sensível outros mecanismos perceptivos no âmbito da história e da cultura local, priorizando, desde teoria e pesquisa, diversidade de corpos e diferenças nas suas produções simbólicas comunitárias a partir da autobiogeografia como metodologia sensível e científica.

# Biophillick



Fotos: Biophillick





Fotos: Biophilick





Fotos: Eduardo Mariz

| 19

*Lagoa, jacaré, casa-pele portátil*  
Instalação — pintura, cerâmica,  
fotografia, plástico e tecido  
Medidas variáveis  
2023

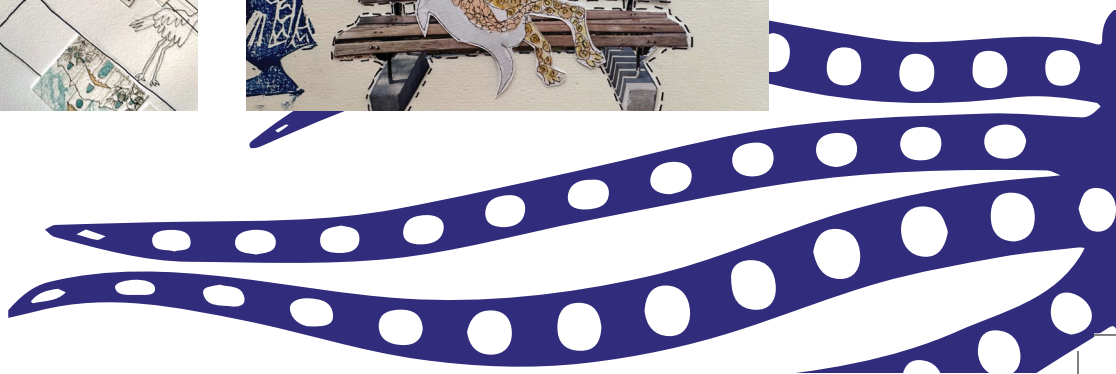
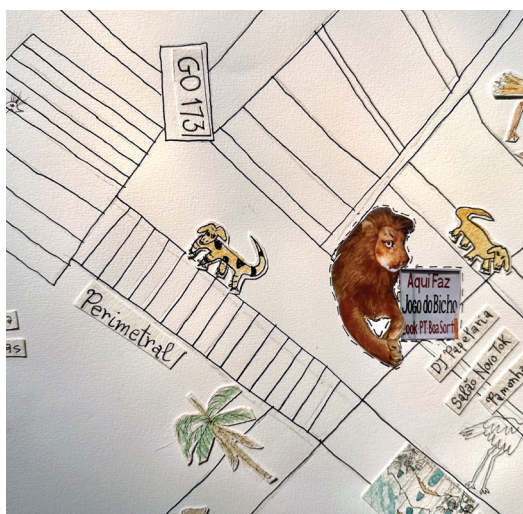
Biophillick questiona ser um estranho, um estrangeiro em uma terra distante, com outra linguagem e outros códigos, sendo o ato de misturar-se uma ação para ser aceito e incorporado pelo outro, como uma forma de pertinência. Talvez uma pele-casa-portátil seja um dispositivo para refletir sobre todas essas questões. Uma roupagem-pele que traz simbologias arquetípicas sobre a humanidade primogênita originária nas profundezas do lago, uma roupa que evoca a natureza aquática, fluida e dinâmica dos peixes, das águas. Uma casa maleável, exemplo de instabilidade, que se balança com o vento se resume a uma cobertura um tanto protetora e um tanto hostil, que coleciona instantes fotográficos de espaços, pessoas, códigos e memórias.

20 | Sua obra é constituída por três meios: uma composição pictórica, uma vestimenta e duas esculturas de argila dos povos originários Carajá. O artista representa o Lago dos Tigres e sua fauna mítica por meio de uma roupagem, refletindo sobre questões de territorialidade/ancestralidade, deslocamentos/ alteridades, hospitalidades/hostilidades. A roupa apresenta-se como segunda pele do corpo humano, com a função de ser o espaço físico capaz de hospedar códigos e símbolos culturais. O lago e sua fauna, um território de natureza ancestral que se expande por meio de códigos na vestimenta. Biophillick adota uma condição portátil para levar suas memórias afetivas a um novo lar.

# Cintia Falkenbach

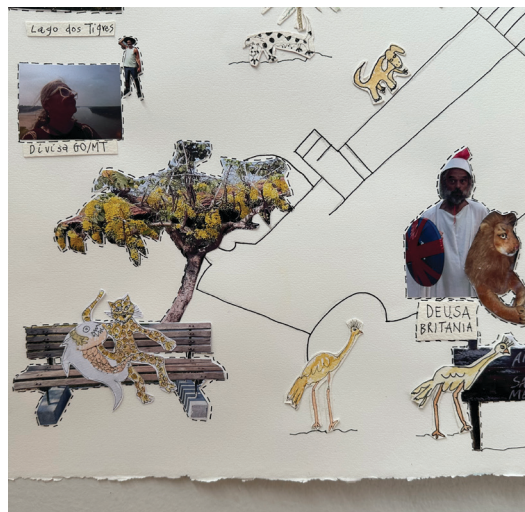


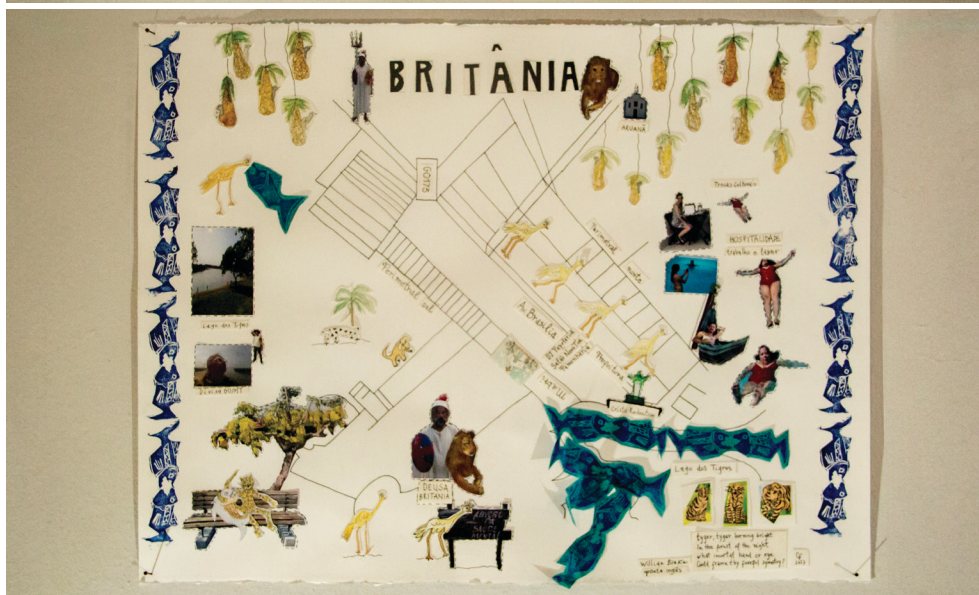
Fotos: Clarisse Tarran





Fotos: Clarisse Tarran





*Britânia afetiva*  
 Papel canson de algodão, fotografia,  
 linogravura e desenhos  
 57 x 75 cm (díptico)  
 2023

Assim como Britânia, as cidades têm uma data e um lugar de fundação, porém algumas delas concentram em seus espaços físicos uma segunda ou terceira camada de memórias de pessoas, de afetos ou não, de eventos e monumentos, cuja peculiaridade impressiona pela originalidade e, às vezes, por características únicas que não temos muito tempo nem espaço para processar, nos momentos em que vivemos esse tempo.

24 | Tendo por referência a História, me propus a executar um mapa da cidade de Britânia que lembrasse os mapas medievais, imprecisos pela condição de desconhecimento dos cartógrafos daquilo que iam retratar, mas elegantes como os manuscritos medievais que apresentavam ilustrações, douração e textos escritos sob pequenas imagens que monges desenhavam e coloriam. Ali havia informações geográficas dos países, acidentes naturais, como rios, mares e montanhas, informações históricas, lendas, desenhos de personagens, plantas, animais e informações as mais variadas sobre as terras retratadas.

Essa foi a proposta para o mapa de Britânia. Na qualidade de mapa de cidade, escolhi ampliar a malha urbana e representar as ruas, os lugares que frequentamos, a casa onde ficamos, além dos monumentos, templos religiosos, museus, plantas, animais e lugares visitados. Informações coletadas no cotidiano da residência e que apontavam para as relações de convivência, receptividade e aceitação das culturas em suas diversidades entraram na composição dos levantamentos do mapa e, por sua vez, incentivaram as trocas culturais no âmbito de hábitos alimentares, por meio de frutas e peixes, e de hábitos sociais, como banho no Lago dos Tigres aos domingos, construindo, assim, relações de mão dupla, de troca e hospitalidade entre as duas culturas, a local e a temporariamente residente.

O estudo do mapa da cidade e de sua configuração, do curso do lago e da localização da rodovia dentro do espaço urbano facilitou a ampliação do traçado das ruas. Dois mapas foram desenhados para receber as representações dos aspectos físicos, lendários e sensíveis percebidos durante a estada na cidade. Símbolos da região, como tucunaré, piranha, pacu, tigre, guaxe e seriema estão presentes. Os materiais utilizados para a realização dessas representações em lino-gravura foram folhas de papel Canson de algodão, pequenas aquarelas, fotografias feitas durante a residência em Britânia, impressas, recortadas e coladas no mapa, caneta nanquim e pregos.

# Clarisse Tarran



Fotos: Clarisse Tarran





Fotos: Clarisse Tarran



Fotos: Eduardo Mariz

|27

*Da Escama do Olho Coletas e Vivências nas águas e bordas de Britânia - GO*  
Técnica mista, objet trouvé.

Medidas variáveis

2023

Participação de José Trindade (Caburé) e agradecimento a Dyane Araújo

Essa instalação artística foi montada com restos, coisas e seres coletados durante a residência, em andanças com observação silenciosa do lugar. Dois barcos e o Cristo foram feitos por Zé Trindade. Há um trecho reto nesse Rio Vermelho que representa o desvio feito pelo homem branco que mata o rio.

“Sem curva não há vida”, por ser um desvio reto e ter tido retirados os paus d’água para os *jet skis* terem território. Conseqüentemente, a vida não se reproduz nesse trecho, o que trará graves conseqüências para o meio ambiente, em breve. As frases são ironias em todo o trabalho, procuram provocar o morador e o espectador.

28 | *Da Escama do Olho* foi retirado de uma conversa com Zé Trindade. O Desvio do Vermelho homenageia a obra ‘Desvio para o Vermelho’, de Cildo Meireles, grande artista nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1948. Ele passou a sua infância e adolescência entre Goiânia, Belém do Pará e Brasília. Essa cadeira em miniatura virada remete à enorme estrutura de concreto que sustenta o Cristo Redentor do Lago dos Tigres.

Eu a derrubo, acho-a agressiva na paisagem. Me lembra, também, a cadeira usada pelos domadores de leões – os felinos estão na história de Britânia de modo curioso: um leão com a deusa romana Britânia. Os tigres dão nome à lagoa porque homens brancos escutaram a onça quando chegaram ali e não conheciam esse animal. Há uma frase no trabalho que diz: “O leão está para o tigre, o tigre está para a onça”. O lago deveria ser das onças. O Brasil precisa se repensar como Brasil. Britânia tem a natureza deslumbrante e exuberante do Cerrado, que é um bravo resistente ameaçado. Tiremos as escamas dos nossos olhos.

# Eduardo Mariz



Fotos: Arthur Scovino





Fotos: Clarisse Tarran





Foto: Clarisse Tarran

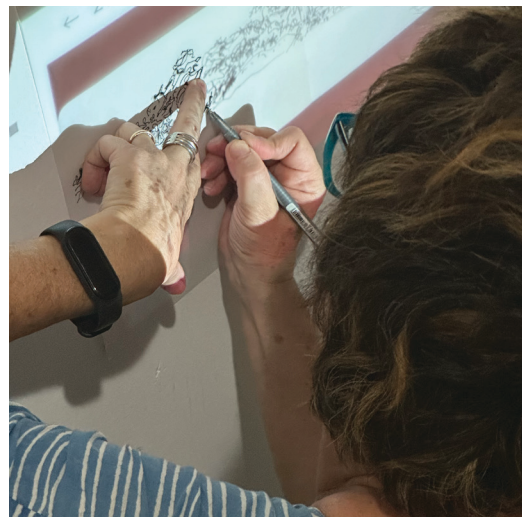


Foto: Eduardo Mariz

*Britânia pede pouso*  
Instalação transdisciplinar com  
performance, fotografias,  
minerais e elementos locais  
Medidas variáveis  
2023

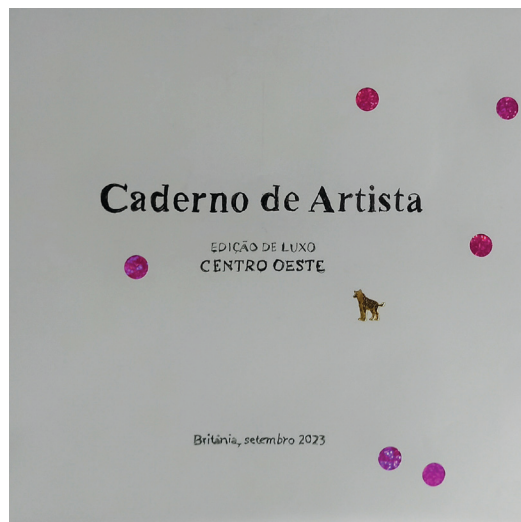
Uma instalação com elementos para uma fábula. Britânia, conclamada como deusa pelos antigos romanos, também deu nome à ilha que hoje conhecemos como Grã-Bretanha. Nessa fantasia, mais de mil anos depois, a deusa chega à cidade brasileira que leva seu nome. Circula pelo lugar e pede pouso. Ao sair, deixa os vestígios de sua passagem, como disparadores para enlances e afetos. Restando como evidência de sua então presença corpórea numa pintura, é possível notar sua silhueta contornada pelo solo da região. A imagem que falta na pintura pode ser observada nas fotografias posadas em alguns recantos da cidade, testemunhando sua estada. Por fim, deixa como uma oferenda sua indumentária e seus acessórios. Que sirvam para o infinito alcance dos sentidos!

# Gisel Carriconde Azevedo

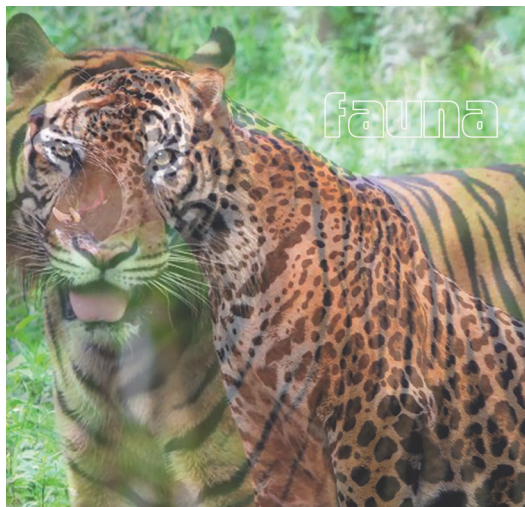


Fotos: Clarisse Tarran / Arthur Scovino





Fotos: Gisel Carriconde Azevedo





Fotos: Gisel Carriconde Azevedo

35

*Encyclopaedia Britannica,*  
Vol. LXIII: HÍBRIDOS Impressão digital sobre papel fotográfico brilhante  
10 x (29,7cm x 21 cm cada)  
2023

*Viagem ao Centro-Oeste*  
Composição de desenhos — nanquim e adesivos sobre papel vegetal;  
aquarela sobre papel algodão  
Medidas variáveis  
2023

Trata-se de uma série de fotografias manipuladas digitalmente, misturando imagens da Grã-Bretanha e de Britânia, em Goiás. Com algumas exceções\*, as imagens utilizadas nesse trabalho fazem parte de um grande arquivo de fotos de viagens feitas a partir de 2008, ano em que iniciei o doutorado e quando os rastros de minhas andanças pelo mundo viraram material artístico.

As temáticas das minhas fotos de viagem tendem a se repetir – águas, árvores, flores, troncos, fachadas, ruas, bueiros e nuvens –, mas isso não exclui que novas temáticas capturem minha imaginação, como na residência em Britânia em que paisagens rurais e monumentos, por exemplo, passaram a integrar minha coleção.

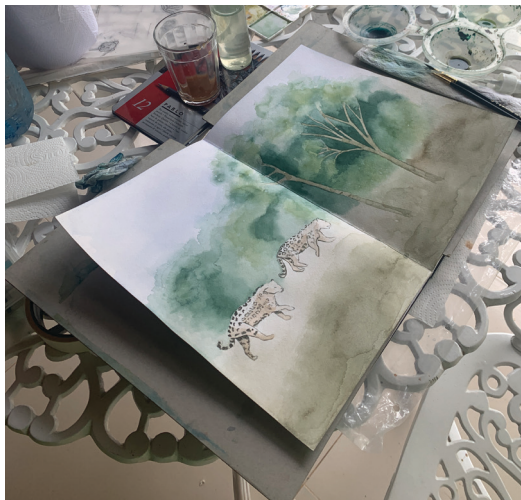
Usando a ideia de conhecimento enciclopédico, escolhi a Enciclopédia Britânica como guia conceitual e de estilo e criei uma série de verbetes ilustrados hibridizando elementos da cultura britânica e da cultura goiana: planta, água, tecnologia, árvore, alimento, turismo, arquitetura e fauna. Tendo vivido na Inglaterra por mais de dez anos, desde o início da residência, alimentei a ideia de colocar lado a lado as duas “Britannias”. Movida inicialmente pelas semelhanças e diferenças, a ideia acabou tomando a forma de um pequeno ensaio autobiográfico. Numa conjunção (im)possível de mundos, a imagem de uma árvore da vila de Warlingham, onde mora minha sogra, aparece então superposta a uma linda palmeira da praça de Aruanã, e a cerca de uma propriedade rural ao redor de Londres se metamorfoseia na cerquinha de beira da estrada a caminho da balsa de Britânia... Viva a imaginação!

\*As seguintes imagens foram baixadas da internet: o tigre, a onça, a piranha, o badger e a quincey.

# Isabela Couto



Fotos: Isabela Couto / Arthur Scovino





Fotos: Isabela Couto





Fotos: Isabela Couto



|39



*Onça tigre piranha*  
Caderno — aquarela, nanquim, grafite e lápis de cor sobre papel  
27 x 37 cm (aberto)  
2023

*Onça tigre piranha* é a história de uma onça que se traveste de tigre e piranha para sobreviver em Goiás. O enredo começa com um casal de onças que caminha tranquilamente na floresta, mas se depara com um grupo de caçadores que o alveja a balas e queima a mata. A onça sobrevivente, sem casa, caminha em direção à cidade mais próxima, Britânia. Ali se depara com Cristo e recebe uma iluminação. A partir daí, a onça descobre um disfarce para caminhar de modo seguro entre os humanos: corpo vermelho (piranha) e pelagem diferenciada na face (tigre). Agora a onça está imune às investidas humanas.

40 | A motivação para a narrativa começou quando escutei pela primeira vez o nome Lago dos Tigres – lago que banha Britânia. “Por que não Lago das Onças?”, questionei imediatamente, visto que não existem tigres no Brasil. Foi-me explicado que o nome foi dado por estrangeiros que escutaram barulhos parecidos com o de tigre no lago e por isso escolheram esse nome. Ficou claro para mim que existiam muito mais onças na Britânia daquele período e que a urbanização e criação de fazendas foi aos poucos as afastando e as exterminando. Goiás é o berço das onças no Brasil, mas é também o lugar onde há caça predatória contra o mamífero, que está na lista dos animais ameaçados de extinção.

As páginas dedicadas à história estão na segunda parte do caderno e foram feitas em aquarela, nanquim, grafite e lápis de cor. As páginas iniciais contemplam o tema da residência artística, hospitalidade, onde podem ser encontrados os exemplos que Derrida traz para explicar a hospitalidade, além da moral e da ética: as leis da hospitalidade e a passagem de Ló em Gênesis. Ambas as citações apresentam o estrangeiro como salvador em detrimento da figura feminina nativa, simbolizados na história pelo tigre e pela onça, respectivamente.

De modo descontraído, essa história tem o intuito de trazer novamente as onças para seu território de origem e reivindicar melhores condições para sua sobrevivência em Goiás. Não só o extermínio direto, mas a queima do cerrado também contribui para a extinção e para a migração de animais silvestres para fazendas e cidades. Os animais migram em busca de alimento, que já não encontram facilmente, e tornam-se mais vulneráveis longe de seu habitat.

A história vai ao encontro das preocupações mundiais de preservação do meio ambiente e traz o alerta de que é preciso dar maior atenção a nossos animais e espécies endêmicas. O mundo saudável e com bom clima é aquele que preserva suas matas e seus bichos.

O crânio de onça pertence a Gerson, conhecido como Dr. Saroba, e foi emprestado para compor uma instalação durante o período expositivo.

# Laura Dorneles do Amaral



Fotos: Laura Dorneles do Amaral / Arthur Scovino





Fotos: Laura Dorneles do Amaral





Fotos: Eduardo Mariz

| 43

*Convívios*  
Instalação — vasos de barro, pote de vidro, gravuras em metal e objetos  
Medidas variáveis  
2023

Convívios – instalação multimídia de Laura Dorneles (artista que nasceu e reside no DF) que se adapta ao espaço de exposição durante a montagem, reunindo os seguintes objetos: num cubo, um pote quebrado de cerâmica<sup>1</sup>, pintado pelo fogo, com um desenho de tigre e um de piranha gravados na pele do barro, queimado na fogueira durante 12h da residência, num dia de 45°C; expostos na estante do Museu de Arte de Britânia (MABRI), testes de impressão de gravura em metal<sup>2</sup>, uma delas feita a partir de uma foto tirada no bar do Cabecinha, e a outra uma estampa feita a partir de um símbolo “impresso” no concreto da ponte do Rio Araguaia, entre Goiás e Mato Grosso; um vídeo da artista vestindo um body com estampa de onça, engatinhando em cima das telhas das ruínas de um hotel da cidade; atrás, um painel pintado na parede, um tigre, uma mulher e uma onça, com projeção mapeada<sup>3</sup> em um vaso de cerâmica queimado na fogueira, pintado pelo fogo (o vídeo da projeção foi exibido somente na abertura da exposição); um vaso de cerâmica quebrado, queimado na fogueira, pintado pela fuligem, com pedras do Lago dos Tigres cravadas na pele do barro; dois potinhos de cerâmica, queimados na fogueira, onde se lê: arthur + dridri + laura ❤️; um potinho de cerâmica queimado na fogueira com o desenho de uma piranha; um pote de zinco com argila, usado para fazer as peças de cerâmica; no alto da estante, uma vela de cera de abelha e carnaúba feita para a instalação; na escada de vergalhão do MABRI, seis tábuas de madeira de demolição de uma casa antiga da cidade, uma delas, usada para queimar as peças de barro, tendo, em cima, cacos de um frasco de vidro com coletas de objetos da natureza da cidade, como penas, pedras e sementes.

A artista adaptou suas investigações em arte ao contexto da cidade de Britânia, levantando questionamentos sobre a memória local, sobre o barro coletado no Lago dos Tigrinhos, sobre as simbologias dos lugares, o tigre, a piranha e a onça na cidade. A obra foi construída com técnicas alquímicas e magias das tecnologias ancestrais, como cerâmica e gravura, e tecnologias modernas, como vídeo e projeção. A obra é resultado da investigação da memória da cidade a partir da relação com pessoas e com objetos e vestígios encontrados, na convivência com os demais artistas da residência Volante.

1 Técnica “pré-histórica” que transforma barro em cerâmica mediante queima de, no mínimo, 600°C.

2 Conhecida na Renascença, é uma técnica de impressão que consiste em gravação em matriz de metal e impressão de cópias dessa gravação em folhas de papel.

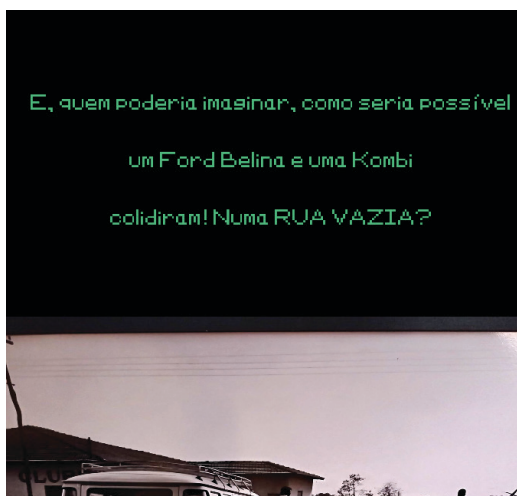
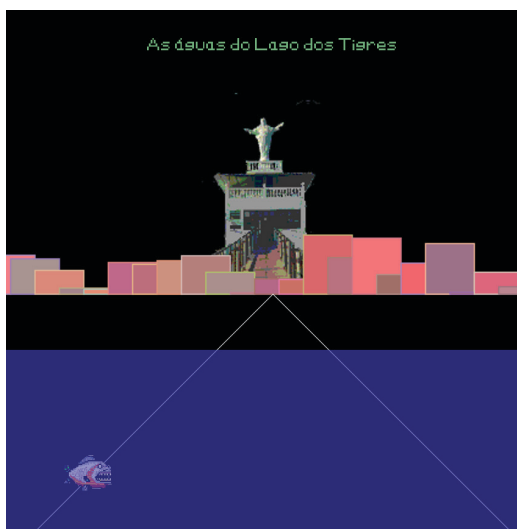
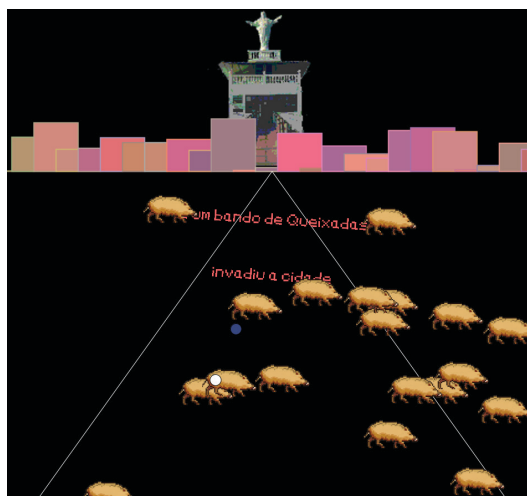
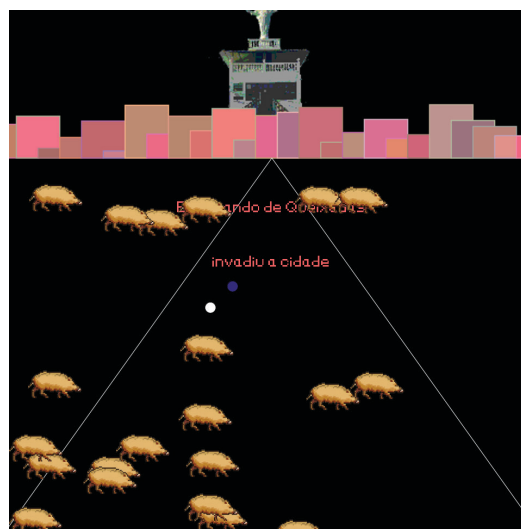
3 Técnica de projetar uma imagem sobre uma área mapeada, sem que a imagem “vaze” para o fundo, por exemplo, projetar um vídeo de modo a que ele fique somente no vaso de barro.

# Phil Jones



Fotos: Clarise Tarran / Laura Dorneles do Amaral





Fotografia via computador Phil Jones

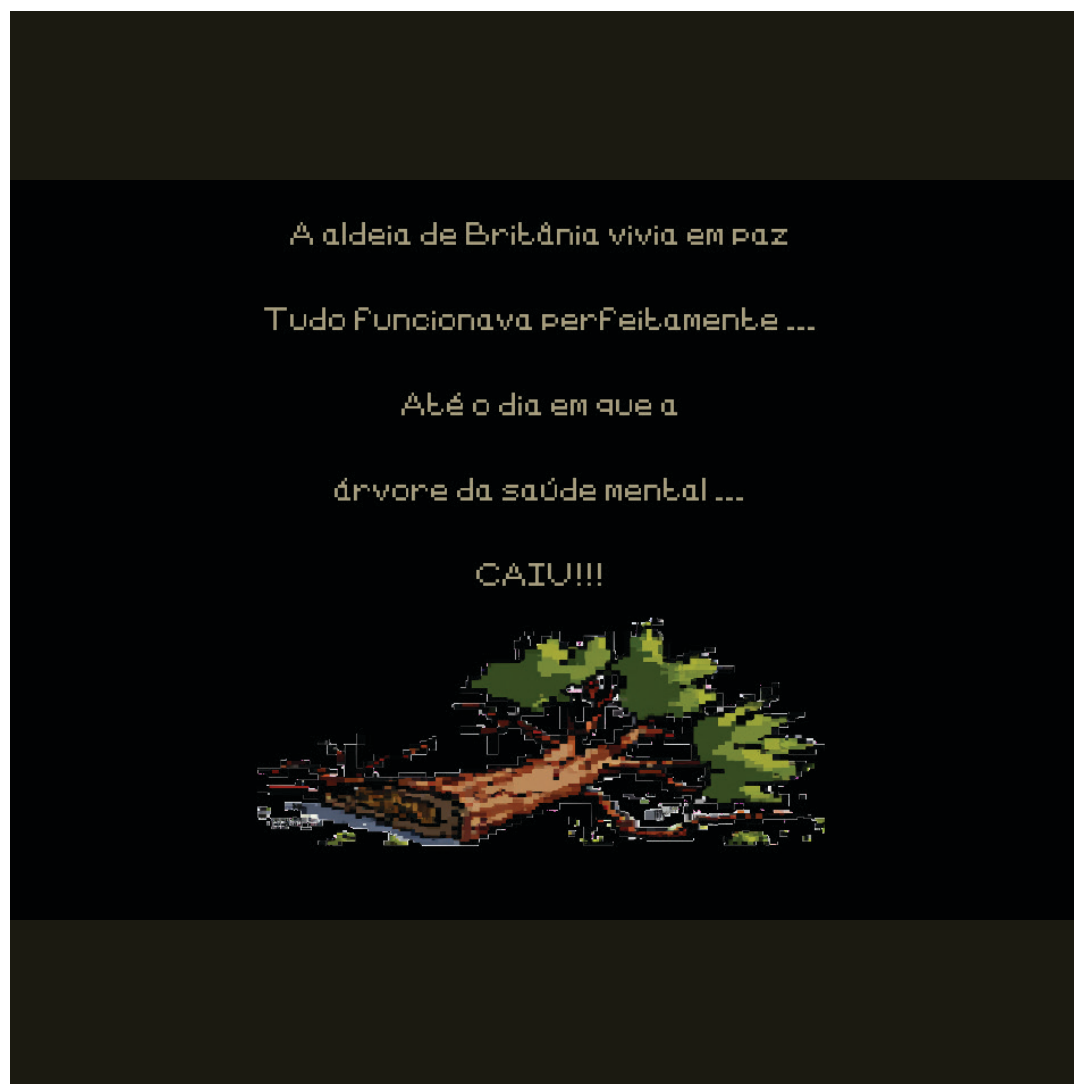


Foto: Eduardo Mariz

|47

*O dia em que a árvore da saúde mental caiu*  
Processing sketch interativo usando mapeamento de projeção e entrada de câmera  
Computador, projetor e webcam  
2023

Esse trabalho nasceu de uma tentativa de encontrar uma forma de falar sobre Britânia, utilizando a linguagem da arte interativa digital. Trabalho principalmente com música e interatividade, não exponho com frequência dentro de galerias. Então, eu queria encontrar uma forma de aproveitar a vantagem de estar no espaço físico do museu. Normalmente, fico feliz que meu trabalho exista apenas na comodidade da tela de um computador ou *tablet*, mas, nesse caso, achei que algo mais expansivo, como mapeamento de projeção, seria mais apropriado.

E como trabalhei há muitos anos em projeto de *game-art*, em Paris, perguntei-me se essa seria uma oportunidade para visitar tanto esse meio quanto essa estética. Quando sugeri aos produtores da residência, as pessoas pareceram entusiasmadas. Então, senti que deveria ir em frente.

Embora escrever um videogame interativo específico para um lugar seja uma meta ambiciosa, reconheci que a linguagem visual dos antigos videogames de 8 bits havia se tornado um ícone para muitas pessoas. E eram, reconhecidamente, também mais fáceis de produzir em pouco tempo disponível. Também fiquei feliz por usar o Dall-E 2 – IA de produção de imagens *on-line* – para alguns dos gráficos do jogo, porque compreendia bem a estética dessas imagens.

48

Ao chegar a Britânia, especialmente junto ao Lago de Tigres, como a maioria dos artistas da residência, fiquei imediatamente impressionado com a natureza e as histórias de piranhas e jacarés e onças. Mas logo descobri que quase todo mundo queria usar piranhas como tema em seus trabalhos. Então, me propus a encontrar um ângulo diferente. E embora, novamente, seja típico dos videogames da década de 1980 que os animais e a natureza sejam os antagonistas para um protagonista humano fanfarrão abrir caminho, eu não queria criar essa dinâmica ou situação.

Toda arte, acredito, requer um equilíbrio entre o familiar e o novo. E a arte do jogo obriga particularmente a trabalhar com alguns clichês. Em parte, porque muitas vezes são exatamente esses clichês que são mais amados e simbolizam o gênero para muitos de seus fãs. E também porque a interatividade é um material artístico desconhecido para se trabalhar, enquanto a dinâmica do jogo é uma estrutura muito mais familiar, mais fácil de entender e interagir. No entanto, parecia muito preguiçoso e óbvio simplesmente colocar o humano diretamente contra o mundo animal.

A minha inspiração veio da exposição anterior de fotografias da história de Britânia no museu, que incluía duas imagens impressionantes das consequências de um acidente de carro na Avenida Brasília totalmente vazia, mas com uma grande multidão de curiosos.

Esse acidente cotidiano e bastante banal parecia assumir proporções míticas. Talvez tenha sido um grande drama e acontecimento na história da cidade. Aqui, cinquenta anos depois, ainda estávamos olhando fotografias e nos perguntando sobre isso, o que levou a duas ideias:

– A primeira foi que meu clichê de videogame pudesse ser um jogo envolvendo carros em vez de um jogo tipo homem *versus* natureza. Claro, ainda haveria animais. Eles são ícones da cidade. E ainda fariam o papel de obstáculos. Mas agora meus principais “protagonistas” eram uma Kombi e um Ford Belini. A relação com a natureza seria mais contingente e “horizontal”. Ainda se poderia morrer ao bater em um jacaré ou em uma onça, mas nenhum dos dois era explicitamente hostil com o humano. Nem o humano com eles.

– A segunda era que eu deveria indagar sobre outros dramas menores da cidade para incluir, de forma exagerada, na obra. Esta é uma abordagem quase “psicogeográfica”, de elevar o cotidiano à mitologia, o que acredito que funciona bem com um formato de *game-art*, onde o mito e a fantasia são um dado adquirido.

Então, me contaram sobre o ano em que o lago subiu tanto que inundou a cidade e o ano em que os porcos selvagens invadiram a cidade e as pessoas atiraram neles. Finalmente, à beira do lago, descobri que havia uma árvore “da saúde mental”, tragicomicamente derrubada.

Esta última é uma questão altamente sensível. E passei muito tempo pensando na adequação de usá-lo. Acredito que há uma mudança geracional nas atitudes no que se refere a saúde mental. Venho de uma geração que ainda acha graça de certos tipos de loucura ou fracasso mental. Não no sofrimento individual, mas na perturbação e no caos que pode causar. Quando salientei que “a árvore da saúde mental havia caído”, muitas pessoas, da minha geração, ao menos, perceberam imediatamente por que isso era engraçado.

Hoje somos exortados a levar a saúde mental muito mais a sério, a respeitar aqueles que têm problemas e a não menosprezar o assunto. Isso é, evidentemente, um aspecto positivo que apoio. Com certeza, não tenho nenhum desejo de banalizar os problemas reais que as pessoas enfrentam. E suspeito que muitos, especialmente a geração mais jovem, possam considerar de extremo mau gosto o uso do tema da queda da árvore da saúde mental. Mas, então, por que finalmente decidi usá-lo?

Em parte, porque combinava muito bem com minhas outras preocupações. Muitos videogames são construídos em torno de narrativas em que uma normalidade pacífica é protegida

por um objeto sagrado, talvez até uma árvore mágica, e a perda ou destruição desse objeto desencadeia uma onda de ruptura que dá início à narrativa da história, a qual, muitas vezes, se destina a restaurar o objeto e, portanto, voltar à normalidade. Embora meu jogo nunca tivesse o escopo de uma aventura com um arco narrativo tão completo, eu poderia, ao menos, incluir alguns desses elementos para reforçar a “textura” do material com o qual estava trabalhando. Além disso, encontrar um exemplo da vida real na história da cidade, um pequeno drama que poderia ser mapeado na mitopoética do mundo dos jogos foi uma coincidência acidental demais para ser ignorada.

Finalmente, embora peça desculpas àqueles que acham isso de mau gosto, espero que a inclusão do tema, mesmo na forma jocosa, encoraje realmente as pessoas a discutir uma série de questões. Por que existe uma árvore da saúde mental em Britânia? Para que servem esses símbolos? E se os adotarmos, o que significa quando eles caem? Que obrigações implicam?

50 | Talvez um videogame, construído a partir de óbvios tropos de fantasia, nos lembre de que mesmo no mundo real existe pensamento mágico.

Queria complementar minha primeira peça com algo que fosse interativo, mas não baseado em tecnologia. Envolver a cidade da Britânia com uma espécie de estética relacional Bourriaudian, ou seja, arte interativa que não trata de computadores e tecnologia, mas, simplesmente, de articular algum tipo de interação social. A história da nomeação de Britânia por meio de uma votação foi impressionante. E então surgiu a ideia de uma nova enquete para renomear algo. Oferecer a oportunidade de renomear a Grã-Bretanha parecia ter uma simetria adequada. Embora, infelizmente, não pudesse garantir que o Reino Unido a aceitaria, como cidadão britânico, comprometi-me, pelo menos, a utilizar a sugestão vencedora.

# Suyan de Mattos



Fotos: Clarisse Tairan





Fotos: Clarisse Tarran



Fotos: Eduardo Mariz



Foto: Clarisse Tarran

*A saga mitológica do povoado Britanique – aquele que veio de perto*  
Instalação – tecidos e molduras antigas  
Medidas variáveis  
2023



Foto: Eduardo Mariz

*Às vezes, fazer algo não leva a nada: por que esperar um bloco de gelo derreter durante duas horas? Homenagem ao artista Francis Alÿs*  
60 x 20 x 7 cm (BLOCO DE GELO)  
2023

*A saga mitológica do povoado Britanique – aquele que veio de perto* é uma instalação de parede da artista Suyan de Mattos (nascida no Rio de Janeiro, em 1962, e atualmente reside em Brasília/DF). Sua obra é constituída por tecidos estampados de algodão e molduras antigas adquiridas em lojas de antiguidade.

Suyan apresenta seis peças que tratam da história e da memória da cidade de Britânia. Na primeira obra, a artista pintou o retrato de um homem anônimo, deixando somente os olhos à mostra, com a intenção de que o público percebesse que esses olhos estavam atentos para o Lago dos Tigres. Na parte inferior à esquerda, podemos perceber as margens do citado lago. A segunda obra, logo abaixo da primeira, é a paisagem da cidade de Britânia, que permite a afirmação de que é um mapa poético, com um olhar sensível ao lugar. Na parede fronteira, podem-se vislumbrar quatro obras que retratam a simbologia da cidade.

Suyan interpreta Britânia a partir do peixe piranha, do passarinho, do jacaré e do tigre. A intenção da artista não é discorrer literalmente sobre uma memória histórica de Britânia, mas apresentar sua compreensão desse espaço urbano com uma percepção artística.

54 | A função dos tecidos é unir por procedimentos delicados o pensamento da artista para provocar o bucólico, inspirar encantamento e seduzir o povo britaniense.

Adendo: fazia parte da instalação uma piranha morta encontrada pelo artista Eduardo Mariz, que foi colocada num pote de barro construído pela artista. A piranha apodreceu e não pode participar da mostra no MABRI, mas Suyan decidiu continuar a trabalhar neste tema, comprando uma piranha empalhada. Ela também adquiriu um brinquedo de plástico no formato de uma tigresa com um filhote na boca. Tudo isso para criar o Manifesto da Piranha. Este manifesto (piranha, tigresa e filhote) estará dentro de uma redoma de acrílico sobre grama artificial de cor verde com uma plaquinha de metal escrita:

Aquela que é do lago.

Aquela que não é do lago.

Ela tem existência territorial.

A outra tem existência imagética.

Façamos a revolução Carajá, já.

Vivamos por meio do direto sonâmbulo.

Manifestemos o que é nosso.

Pratiquemos cada vez mais o exercício do deprecimento.

Mordamos o intruso.

Cicatrizemos.

A artista Suyan de Mattos, ao caminhar pela cidade de Britânia, procurou algo que traduzisse a hostilidade de Derrida, já que, na casa, esse sentimento não esteve presente em nenhum dia – mesmo com os artistas brincando, falando que esta edição era o BBBritânia.

A menos de 80 metros da casa que hospedou os artistas estavam o Lago dos Trigres, o Cristo e o termômetro da cidade, que variava de 35°C à noite até 47°C durante o dia. Os artistas encontraram no calor exacerbado da cidade o sentido de hostilidade e Suyan aproveitou para conceber a performance “Às vezes, fazer algo não leva a nada: por que esperar um bloco de gelo derreter durante duas horas?”, uma homenagem ao artista Francis Alÿs. A artista colocou em frente ao termômetro da cidade uma barra de gelo medindo 60 x 20 x 7 cm sobre o asfalto de 43°C às 16h. A barra demorou duas horas para derreter completamente. Esperava-se derreter em menos de 15 minutos, tão terrível era a sensação de calor.



# Biografias

## **Bicha Branca da Mata**

1991, Goiânia/GO.

Reside e trabalha em Goiânia/GO.

adrianobragademorais@gmail.com

@Bichabrancadamata

Bicha Branca da Mata é artista bicha, curador, professor e pesquisador, atividades transdisciplinares nas quais se coloca comprometido com desejo de catalisar pelo sensível outros mecanismos perceptivos no âmbito da história e da cultura local, priorizando desde o âmbito teórico e da pesquisa a diversidade de corpos e diferenças nas suas produções simbólicas comunitárias a partir da autobiogeografia como metodologia sensível e científica. | 57

## **Alexandre Paes**

1978, Niterói. Reside e trabalha em Bangu/RJ.

al.paes@yahoo.com.br

@alexandre.paes.studio

Artista plástico e professor. Mestrando e graduado em Artes Plásticas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, 2012), complementou sua formação em cursos livres de pintura na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage). O universo pictórico e as questões do desenho permeiam toda a sua trajetória. Desde 2020, integra o Coletivo Maskarada, que reúne artistas de toda a América Latina em torno da resignificação das máscaras nesses tempos de pandemia. Desenvolve pesquisa estético-pedagógica sobre o universo escolar em comunida-

des com situação de violência deflagrada no bairro de Bangu, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, onde se encontra um dos maiores complexos penitenciários da América Latina e onde se radicou há 15 anos por conta de sua prática pedagógica, o que pode ser observado em sua produção mais recente convertida numa imersão nas relações entre as escolas e as comunidades onde está inserido, buscando entender e refletir de maneira poética sobre as trocas e as influências mútuas que se apresentam de forma violenta na sala de aula, na escola e no seu entorno. Dentre suas principais exposições estão: *Abre Alas 18*, Galeria A Gentil Carioca – RJ (2022); *Suburbanidades*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói – RJ (2022); *Saravá*, Galeria Anita Schwartz – RJ (2022); *Salão de Arte de Ubatuba*, FUNDART – SP (2022); *Como não subir uma escada*, Paço Imperial do Rio de Janeiro – RJ (2021); *II Montagem Póvera*, Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, Juiz de Fora - MG (2020), *Salão de Outono da América Latina*, no Memorial da América Latina, São Paulo - SP (2017); *Arte Londrina II*, Londrina – PR (2014); *Terceira Mostra Aprofundamento Parque Lage*, RJ (2013); *Arte Pará*, Belém - PA (2012); *Novíssimos*, RJ (2011). Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

58|

## **Arthur Scovino**

1980, São Gonçalo/RJ. Reside e trabalha em Santos/SP

arthurscovino1@gmail.com

@arthurscovino

Artista de múltiplas linguagens, desenvolve sua pesquisa em torno da cultura e das relações afetivas e sociais a partir das cidades onde instala ateliê e residência. Suas instalações com vídeos, fotografias, pinturas e performances, investigam símbolos do imaginário místico, político e histórico brasileiro. Nascido na região metropolitana do Rio de Janeiro, mudou-se para Salvador em 2008 onde se formou pela Escola de Belas Artes da UFBA e coordenou por 3 anos o Festival de Performance da Galeria Cañizares. Em 2014 participou da 3ª Bienal da Bahia e da 31ª Bienal de São Paulo. Foi indicado três vezes ao Prêmio PIPA e tem participado de exposições coletivas nacionais e internacionais como “softpower – Arte Brasil” Kunsthall KAdE Holanda, 2016 e “À Nordeste” sesc 24 de maio SP, 2019; e mostras individuais como “Caboclo dos Aflitos” Solyanka Gallery Moscou, 2016 e “Lágrimas de Nossa Senhora” Paço Imperial RJ, 2021. Foi diretor artístico em residência na Casa da Luz, SP em 2018 realizando exposições como artista, produtor e curador independente. Atualmente reside

em Santos onde namora uma escavadeira na praia, integra o coletivo ACOCORÉ e Maskarada, é coordenador e mentor no International Lab for Art Practices (ILAP) na Uncool Artist, NY.

## **Biophillick**

1988, Cidade do México/MX. Reside e trabalha em Alto Paraíso/GO.

biophillickmusic@gmail.com

@biophillick

Arquiteto pela Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) em 2012, com a primeira tese virtual “A Cidade do Futuro no Cinema”, propostas conceituais urbano arquitetônicas bio-digitais, apresentada no laboratório IXTLI, uma sala de realidade virtual com projeções 3D. O artista, criador dos conceitos BIO- FUTURO e ELEKTRO-XAMANISMO, pesquisa sobre ancestralidade e suas conexões com os campos da espiritualidade, a tecnologia, a natureza e o futuro. Desenvolve criações híbridas entre o analógico-natural e o tecnológico-digital, atravessando as artes audiovisuais, a moda, a arquitetura digital, as performances ritualísticas, os concertos imersivos e as exposições multimídia. Entre as atividades realizadas estão: “Concerto Diversidade Sexual” no Museu del Chopo (México 2017), exposição “BIOS” na galeria A Pilastra (Guará 2017), concerto “BIO-BORGS Brasília Mapping Festival” no Museu Nacional da República (Brasília 2019), exposição multimídia “NAHUALES E ENCANTADOS” na Casa de Cultura Oca Brasil (Alto Paraíso 2022) e no Memorial dos Povos Indígenas (Brasília 2023). Indicação ao Prêmio PIPA 2023. Selecionado pelo III Salão Mestre de Armas (Planaltina 2023).

59

## **Cintia Falkenbach**

1959, Alegrete/RS. Reside e trabalha em Pirenópolis e Caxambu/GO.

cintiafalk@yahoo.com.br

@cintiafalken\_art

Artista visual. Graduação em Educação Artística, Licenciatura em Artes Plásticas (1982). Mestre em Artes Visuais (2004) e Doutora em Teoria e História da Arte pela Universidade de Brasília

2014). Atualmente reside dentro do ateliê e dedica-se exclusivamente a Curadorias, a participação em projetos coletivos e a construção de sua obra nas diversas linguagens das Artes Visuais. Expõe desde 1980 em coletivas e individuais. Dois prêmios em Coletiva Nacional, Salão Anapolino de Artes (1991, 1992), menção honrosa no Salão Nacional de Aracaju (1992), participou do 1º Salão de Arte sobre papel da Canson, MAC-USP, Ibirapuera, 1990, Salão de Gravura do Paraná. 1990. Individual: Confissões do cobre, 2018, Galeria Matéria Plástica, Brasília. Para onde foi a Espesura da Carne, 2022, Museu da República, Brasília. Infografia e texto: Quando não mais existir quero ser uma Abayomi, 2022, Museu das Bandeiras, Cidade de Goiás. Atualmente participa do Coletivo Lote 1. Curadoria no projeto Hospitalidade na 1ª Edição, das exposições de Leci Augusto e Igu Kriguer no Núcleo de Arte do Centro-oeste. Curadoria do projeto Hospitalidade 2ª Edição, das exposições de Cleber Cardoso Xavier e Raissa Studart no Museu da República (2021). Desde a década de 1980, trabalha nas técnicas tradicionais da aquarela, do desenho a nanquim e lápis de cor. Especialista na Gravura em Metal. Prática na Xilogravura a fio. Sua pesquisa centra-se nos estudos dos conceitos de Memória e História, levando-se em consideração a passagem do tempo e suas marcas no indivíduo, na paisagem e na sociedade. Além das técnicas tradicionais trabalha nos conceitos ligados a Arte contemporânea na busca de materiais inovadores que motivam uma pesquisa para novas formas e soluções sobre técnicas tradicionais.

## **Clarisse Tarran**

1968, Brasília/DF. Reside e trabalha no Rio de Janeiro/RJ.

clarissetarran@gmail.com

@clarisse\_tarran

É artista hiper-mídia e programadora visual; sua obra é formalizada em objetos, bordados, colagens, desenhos, gravuras, vídeos, performances e instalações e fotografia. Sua temática têm permeado a palavra, o corpo, a religião, a física, a botânica, o feminino e a política, o tempo, atentando para a multidisciplinaridade do mundo contemporâneo. Se utiliza de referências históricas da arte e da sociedade, tentando “costurar teias de memória” inserindo suas questões em ordens paradoxais. Foi assistente da direção da EAV Parque Lage RJ, fundadora da Galeria Durex Arte Contemporânea no Rio de Janeiro (2007/2010), Orientadora do Polo Experimental, - Museu Arthur Bispo do Rosário (RJ), Realiza pequenas e oficinas de arte, curadoria de artista, entre outros. Com 5 individuais e mais de 80 coletivas.

## **Eduardo Mariz**

1963, Rio de Janeiro. Reside e trabalha no Rio de Janeiro.

edumariz8@gmail.com

@edumariz8

Artista, doutor e mestre em artes pela UERJ e pós-graduado em fotografia pela UCAM-RJ. Desenvolve pesquisa na qual através de meios vivenciais procura evidenciar poeticamente arquétipos deflagradores dos modos velados pela duração cotidiana, exaltando as ergonomias ocultas. Dentre outros, conclama os conceitos de além do retângulo, o da foto-assemblage e o de acumulonimbus como metodologias de suas práticas, onde sugere a leitura de imagens como ações performáticas. Trabalha com fotografia, escultura, vídeo e performance.

## **Gisel Carriconde Azevedo**

1960, Tapes/RS. Reside e trabalha em Brasília/DF.

giselazevedo@gmail.com

@giselcarricondeazevedo

Artista visual com uma produção voltada para instalação, expografia, e curadoria. É graduada em artes pela Universidade de Brasília (1992), com mestrado na Universidade de Brighton (1997), e doutorado na Universidade do Leste de Londres (2012). Trabalhou como designer de exposição em museus onde despertou sua atenção para as relações entre objeto, espaço e público; desde então, passou a incorporar uma série de práticas e conceitos da museologia às suas instalações. Em 2014, abriu deCurators, um espaço de arte voltado para o exercício de pensar a expografia como poética. Além de exposições, individuais e coletivas, tem realizado residências artísticas e intervenções em museus e coleções (Museu Murilo La Greca, Museu Nacional de Brasília, Hastings Museum, Museu do Traje de Viana do Castelo, Reserva Serra Bonita e Museu de Arte de Brasília), participado como curadora e júri de salões locais de arte contemporânea (Salão Mestre d'Armas Planaltina e Projeto Hospitalidade Olhos d'Água) e estado a frente de projetos de gestão cultural, como o Eixo do Fora e o Projeto Obra-Arquivo MAB.

## **Isabela Couto**

1985, Brasília. Reside e trabalha em Brasília/DF.

isabela.ribeiro.couto@gmail.com

@isabela\_r\_couto

62 | A artista faz parte da atual busca por modos de existência que atravessam as barreiras impostas pela segregação entre cultura e natureza. deste modo, a paisagem da qual a artista tem experimentado nos trabalhos artísticos é aquela que resulta do envolvimento entre seres, fenômenos e coisas. E a água atua como o principal elemento que liga todos estes agentes. Isabela possui obra na coleção do Museu Nacional da República de Brasília e em coleções particulares. É membro civil do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural do DF (Condepac-DF) para atuar na área de arte e cultura inclusiva. Em 2023 realizou a intervenção artística "Aguapé" na Praça do Conjunto Cultural da República de Brasília e foi selecionada para o III Salão Mestre d'Armas. Em 2022 realizou a individual "Guardadora de água" no Museu Nacional da República de Brasília, foi selecionada para a mostra internacional e Virtual "Declare/Decay" do coletivo Xor space e participou da residência Rio São Miguel, na Chapada dos Veadeiros-GO. Em 2021 foi selecionada para o VII Festival Internacional de Cinema Experimental Dobra. Em 2019 foi indicada ao Prêmio Pipa, selecionada para o II Salão Mestre d'Armas e para a VI edição da Residência Epecuen, Argentina. Em 2018 foi convidada para a mostra "Brasília Extemporânea", na Casa Niemeyer. Em 2017 ganhou a bolsa Conexões Cultura DF e foi selecionada para o III Ciclo de Exposições da CAL. Desde 2019 até os dias atuais presta serviços para o Programa de Conservação de Bens Culturais da Apae-DF nas unidades da Biblioteca da Universidade de Brasília (BCE), do Palácio da Justiça, do Supremo Tribunal de Justiça (STJ) e do Tribunal Superior do Trabalho (TST).

## **Laura Dorneles do Amaral**

1999, Brasília/DF. Reside e trabalha em Brasília/DF.

lauradornelesdoamaral@gmail.com

@\_lauradorneles

Nasceu em Brasília, com torrão natal mineiro. Graduanda em Artes Visuais (licenciatura) pela Universidade de Brasília. Tece nas áreas das Artes Plásticas, Música, Teatro, Dança, Educação e

suas tranças. Suas obras se relacionam sempre com memórias e simbologias. Participa de coletivos e exposições desde 2018. Expôs e foi premiada em 2021 com e pelo projeto Baleia - DF. Na música, atua como zabumbeira da banda Forró Suçuarana desde 2016, premiados pelo FINCA em 2017. Apresentou-se com Cabocla Amaralina em 2019 no Espaço Cultural Renato Russo. Toca e canta no espetáculo Ave Kali desde 2018, que em 2019 foi contemplado pelo FAC Conexão Cultura, possibilitando apresentações em três cidades argentinas. Participa de bandas com Zé do Pífe desde 2015 entre outros artistas e eventos da cidade. Criou a dupla Imburana de Cheiro em 2018. Em 2020 lança EP como zabumbeira do Forró Suçuarana. Participa de exposições e performances com os coletivos 40Antenas, Carta/Borda, Caderno Obra, Carimbo Arte, Quando Não Mais Existir Quero Ser Uma Abayomi e Maskarada. Atua como professora de percussão desde 2019 e de cerâmica desde 2021.

### **Phil Jones**

1969, Solihull/UK. Reside e trabalha em Brasília.

<http://synaesmedia.net/>

<http://alchemyislands.com/>

[interstar@gmail.com](mailto:interstar@gmail.com)

Graduado em Ciência da Computação, pela Queen Mary College, Universidade de Londres/UK. Mestrado em Inteligência Artificial, pela Universidade de Sussex, Brighton/UK. E mestrado em Arte Computacional, pela Goldsmiths College, Universidade de Londres/UK. Músico, programador, artista digital e desenvolvedor de software. Toca com o Orquestra de Laptops de Brasília e Nômade Lab; e como Mentufacturer organiza o selo de “Beleza experimental, Ruído devocional e Tecnoxamanismo” : Dionysian Industrial Complex. É o criador do núcleo do “Muschacking” no Calango Hacker Clube de Brasília. Trabalha com trilhas sonoras para dança contemporânea e outras performances e exposições de arte. Escreve code e apps em todos estes contextos. Também investiga “softwares que fabricam coisas”: através de algoritmos generativos e tecnologias de fabricação.

## **Suyan de Mattos**

1962, Rio de Janeiro/RJ. Reside e trabalha em Brasília/DF.

suyandemattos@gmail.com

@su\_suyandemattos

1962, Rio de Janeiro/RJ. Reside e trabalha em Brasília. Pós-doutora em Artes, UBA/Argentina, doutorado em História da Arte e mestrado em Artes Visuais, UNAM/México. Exposições coletivas e individuais Brasil, Argentina, México, Espanha, Dinamarca, Holanda e Hong Kong. Selecionada em alguns salões e bienais de arte no México e no Brasil desde os anos 90. Participou de residências artísticas na Espanha, Chile, Argentina, Portugal e no Brasil. Curadora e coordenadora da residência artística Hospitalidade e Volante. Curadora e coordenadora dos coletivos MasKarada e Usina de Inventos. Autora do livro *A Nave 508: Espaço dos Insistencia- listas*. No desenvolvimento do seu trabalho utiliza-se de múltiplas linguagens na composição de narrativas, pautadas principalmente pela ótica do mundo sexual e sensual feminino/feminista, cujas evidências são coletadas em memórias vividas diariamente como mulher nos tempos atuais.